

MAIS DO MESMO

Antônio Bezerra Nunes*

AGUIRRE BAYLEY, Miguel. *Frente Amplio: “la admirable alarma de 1971” – historia y documentos*. Montevideo, Ediciones Cauce, 2005, 300 p.

A América Latina, através de sua economia de extração colonial, exagerada em sua exploração pelos invasores europeus e por sua forma de inserção hipertardia no mundo de trocas capitalistas, que dá origem as suas burguesias dependentes e subordinadas às burguesias imperialistas, demonstra aspectos comuns que, embora diferentes em sua efetivação prática nos diversos países da região, nos fazem originários de uma mesma matriz. A atual onda de representantes da “esquerda” assumindo os maiores cargos políticos em nosso continente não foge de tal perspectiva, pois, após várias tentativas de chegar à presidência da República Oriental do Uruguai, a Frente Ampla, que comunga da participação de ex-tupamaros, socialistas, comunistas,¹ blancos e colorados progressistas, chegou ao comando do país, em março de 2005, com seu candidato, o médico e socialista Tabaré Vázquez,² quebrando o revezamento entre os partidos tradicionais na direção do Estado, embora não sem fazer os necessários acordos para se manter no poder.

O MLN-T (Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros) começou a atuar no Uruguai no começo da década de 1960. Em 1970, os tupamaros se transformaram em um dos grupos guerrilheiros mais conhecidos e temidos da América Latina, em decorrência do seqüestro do agente da CIA, Phillip Michael Santori, vulgo Dan Mitroni. Após sofrer uma grande baixa em seus quadros e sofrer várias cisões internas, atualmente, os ex-tupamaros estão aglomerados no MPP (Movimiento de Participación Popular), a ala mais radical da Frente Ampla.

O Partido Socialista uruguaio começa a ser gestado no final do século XIX, mas se transforma em partido, formalmente, somente em 1910. Após 1921, depois de uma cisão, de seus quadros emerge o Partido Comunista. Inicialmente radicais, a partir dos anos 1950, a organização passou a lutar e defender políticas reformistas, posição que mantém atualmente.

O Uruguai, desde a sua independência, em 1828, tinha suas decisões político-econômicas centradas nesses dois partidos. O Partido Blanco (a partir nos anos 1950, passa a se chamar Partido Nacional) defendia a causa dos fazendeiros, da autoridade e da tradição e contra as intervenções estrangeiras. O Partido Colorado era receptivo às idéias liberais e estrangeiras. Os colorados detiveram a hegemonia política ininterrupta por quase 100 anos (1865-1959), embora consolidando acordos com os conservadores blancos.

Com a finalidade de ressaltar a história dos 34 anos e ascensão à cadeira política mais importante do Uruguai, Miguel Aguirre Bayley, militante e historiador oficial da organização, lançou o livro *Frente Amplio: “la admirable alarma de 1971” – historia e documentos*, sobre o qual dissertaremos a seguir.

Os embates travados em solo latino-americano nos anos 1960 e 1970, influenciados pela tempestade mortífera dos combates indiretos entre norte-americanos e soviéticos e pela efetivação prática da Revolução Cubana, que trouxe a possibilidade concreta de transformação do mundo miserável habitado pelos trabalhadores, fizeram com que no Uruguai o acirramento da luta de classes se tornasse cada vez mais intenso. É nesse contexto de perspectivas de mudanças, ensejadas pelo campo internacional, somando-se aos combates, na esfera interna, entre tupamaros e militares, que o general Líber Seregni,³ após ter sua candidatura a presidente impedida pelo Partido Colorado, organização da qual fazia parte, junta-se a outros dissidentes⁴ dos partidos conservadores, em 5 de fevereiro de 1971, para fundar a Frente Ampla e concorrer às eleições do mesmo ano.⁵ Entretanto, com o golpe de Estado impetrado em 27 de junho de 1973 pelas forças conservadoras, “la admirable alarma de 1971” é colocada na ilegalidade.

Dividido em quatro partes, nas quais o autor aborda, respectivamente, o surgimento da coligação e os difíceis passos sobre a tempestade do golpe, as gestões no governo de Montevideú a partir de 1990, sua evolução eleitoral ao longo desses anos e, por último, os documentos de sua formação, o livro apenas traz uma história parcial da Frente Ampla, pois, esquivando-se das questões mais pertinentes de sua trajetória, não se aprofunda em pontos que, caso fossem refletidos, poderiam resultar em autocrítica para os *frenteampelistas*.

O livro está repleto de problemas, principalmente em seu método de exposição, ao privilegiar os momentos de “êxito” e ocultar as circunstâncias mais relevantes desses 34 anos de existência. Nesse sentido, não há no texto uma análise aprofundada de dois instantes cruciais para os partidários *frenteampelistas*, a saber: os “Comunicados 4 y 7”⁶ e a “Ley de Caducidad”.⁷

Em relação ao primeiro, a organização não reflete e nem assume o seu erro quando, em fevereiro de 1973, declara apoio total àqueles comunicados por acreditar que os

militares que o redigiram são detentores de um projeto nacional que tem como objetivo “salvar” o país de sua crise social. O tempo, nesse caso, foi impiedoso com tal decisão, porque, além de ilegalizar a coligação, muitos de seus integrantes foram mortos, enquanto que a maioria permaneceu nos porões bonapartistas durante todo o período ditatorial.

No que diz respeito ao segundo, até agora não há nenhum comunicado do governo de Tabaré Vázquez sobre a retomada das conseqüências da “Ley de Caducidad”, que poderiam resultar em decisões que poderiam julgar – e, quem sabe, punir – os “assassinos sociais” em solo uruguaio e no exterior.

Portanto, impossibilitada de soar revolucionariamente contra os exploradores sociais, criando, conseqüentemente, possibilidades efetivas de mudanças radicais no terrível quadro que assola a classe trabalhadora, “la admirable alarma de 1971” encontra na esfera do politicismo os aspectos que a atraem e a fascinam para, a partir das instituições burguesas, praticar uma política reformista que a faz apresentar-se em uma órbita que, distante de alcance realmente transformador, converge para a defesa de medidas que em nada se diferenciam das que vêm sendo tomadas, ao longo da história uruguaia, pelos partidos tradicionais, ou seja, as decisões adotadas pela Frente Ampla imprimem impiedosamente uma dose de “mais do mesmo” nos trabalhadores uruguaiois, forçando sua sobrevivência sob a ótica do capital, na qual a propriedade privada e a exploração de uma classe sobre a outra são asseguradas pelo Estado. Seu lema, com o brado de que “*un otro mundo es posible*” sob a esfera da sociabilidade burguesa, permite somente perceber que a raiz para a miserabilidade dos operários uruguaiois se encontra, atualmente, ausente de qualquer probabilidade de extinção, alçando os representantes da “esquerda” uruguaia a defender e colocar em prática a tese infundada de que a origem para os males sociais encontra-se, não no Estado, mas em seus opositores partidários, pois, como afirma Marx, “Até os políticos radicais e revolucionários já não procuram o fundamento do mal na essência do Estado, mas numa determinada forma de Estado, no lugar da qual eles querem colocar uma outra forma de Estado”.

Recebido em fevereiro/2006; aprovado em maio/2006.

Notas

* Mestrando pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História na PUC-SP, onde desenvolve a pesquisa *O Bonapartismo Uruguaio nos Editoriais do Semanario Búsqueda (1973-1985)*, sob a orientação da Prof. Dr. Vera Lúcia Vieira.

¹ O Partido Comunista, nascido em 1921, sempre esteve alinhado às decisões de Moscou, principalmente

quando foi liderado, nos anos 1960 e 70, pelo deputado Rodney Arismendi. Assim como outros dirigentes comunistas da América do Sul, Arismendi também defendia a tese equivocada de que a economia colonial uruguaia era detentora de aspectos feudais ou semifeudais.

² Depois de concorrer às eleições como candidato presidencial da Frente Ampla em 1994 e 1999 e já tendo sido prefeito de Montevidéu de 1990 a 1994, governabilidade mantida até os dias atuais com o arquiteto Mariano Ariana, finalmente, Tabaré Ramón Vázquez Rosas, 65 anos, médico e “socialista”, é eleito no primeiro turno, em outubro de 2004, com 50,45%. Embora tenha conseguido maioria nas duas câmaras, os acordos partidários, sob a ótica do politicismo, são inevitáveis, o que fez com que os *frenteamplistas* designassem vários partidários blancos como participantes em sua atual gestão.

³ Esse general é considerado como um dos presidentes históricos da Frente Ampla. Preso durante toda a ditadura militar, Seregni faleceu em agosto de 2004.

⁴ Um outro dissidente que se destacou na fundação da Frente Ampla, presidindo sua primeira reunião, foi Zelmar Michelini, que havia sido eleito senador em 1971 pelo Partido Colorado. Michelini, que também é considerado um dos presidentes históricos dos *frenteamplistas*, foi assassinado tragicamente, em maio de 1976, pela Operação Condor. Acusado de manter diálogos com tupamaros para pôr fim à ditadura militar, acusação totalmente descabida, seu corpo fuzilado foi encontrado dentro de um carro, em Buenos Aires, junto com outros três: o do parlamentar blanco Gutiérrez Ruiz e os dos tupamaros Rosário Barredo e William Whitelaw. Ainda que as apurações tenham evidenciado a participação de militares argentinos e uruguaios em tais crimes, até hoje ninguém foi punido.

⁵ Nesse pleito, a Frente obteve um pouco mais de 12% dos votos. A vitória nessas eleições foi de Juan Maria Bordaberry, que já havia sido duas vezes senador por uma coligação entre uma fração do Partido Nacional (blanco) e da Liga Nacional de Acción Ruralista, representante dos pequenos e médios proprietários, mas que agora chegava ao poder pelo Partido Colorado.

⁶ Com o aumento dos combates entre as classes opositoras, J. M. Bordaberry faz um acordo com as Forças Armadas, permitindo a participação de militares, pela primeira na história do país, em postos antes somente assumidos por civis. É desse acordo, designado Boisso Lanza, referência à base militar nos arredores de Montevidéu onde ele foi firmado, que saem tais comunicados, dando, portanto, as diretrizes para a instauração da Doutrina de Segurança Nacional, aspecto comum e fundamental para a efetivação de todas as ditaduras na região sul-americana. O maior responsável pela redação dos comunicados, o coronel Ramón Trabal, visto pelos militares golpistas como dissidente do processo que estava em curso, foi assassinado em circunstâncias estranhas, em dezembro de 1974, em Paris. Assim como nos crimes de Buenos Aires (ver nota 7), este também apresenta fortes indícios de que houve a participação do bonapartismo uruguaio.

⁷ Criada e aprovada durante o governo do colorado Julio Maria Sanguinetti, em 1986, a lei prescreve todos os delitos praticados pelos violadores dos direitos humanos, militares e policiais, durante a ditadura militar, causando grandes debates entre a população uruguaia. Assustados pelo fantasma de um novo golpe militar, os orientais, através de um plebiscito realizado em 1988 e sobre o qual pesam várias denúncias de irregularidades, decidem não invalidar a anistia dada ao ex-golpistas, deixando impune centenas de crimes praticados contra os trabalhadores uruguaios. Em seu primeiro artigo, a lei é bastante clara em seus objetivos, estabelecendo que “*ha caducado el ejercicio de la pretensión punitiva del Estado respecto de los delitos cometidos hasta el 1º de marzo de 1985 por funcionarios militares y policiales, equiparados y asimilados por móviles políticos o en ocasión del cumplimiento de sus funciones y en ocasión de acciones ordenadas por los mandos que actuaron durante el período de facto*”, citado em *Los Fusilados de Abril: ¿quién mató a los comunistas de 20?* Montevideo, Ediciones del Caballo Perdido, 2003, p. 135, livro de Virginia Martínez, que trata do assassinato, em 1972 pelas Forças Armadas, de oito trabalhadores nas dependências internas da seccional 20 do Partido Comunista, na capital uruguaia.